



O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO: CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTEVÃO DE CARVALHO
SACRIFICADO NA REDACÇÃO
JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
NA EDITORIA L. COELHO BARROSO - LISBOA

REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
R. PAATALAYA, N.º 12827,
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 1000 REIS
SEIS MESES 500
TRES MESES 300
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS: PREÇO CONVENCIONAL

N.º 80

Terça feira, 7 de 2º ETEMBRO de 1909
Beijo de amor



Fica todo consolado em cahr... de joelhos e beijar-te...

A moral da Igreja

A caridade

De todas as mentiras das religiões, — da Bíblia, do Alcorão, dos Vedas, dos mil e um textos «sagrados», com intrujices de céus e infernos á mistura, — ficou para os povos, além de uma instrução e uma educação que produziram a castração do caracter, do coração e do amor, uma moral hypocrita, fria, egoista, usuraria e calculista, umas vezes despresivel, e tantas outras réptilina.

A expressão mais característica d'esse espolio abominavel das religiões é esta: — *a caridade!*

A caridade, que os orthodoxos se atrevem a chamar mensageira de Deus, e «*egoismo santo*», e que nós, os democratas, chamamos a mais sórdida de todas as usuras.

A caridade que, como escreveu Zola, «*só tem servido para eternisar a miseria*».

A caridade que, segundo os economistas é «*um bello luxo*», e, segundo as escolas positivistas, é muitas vezes apenas um egoismo e um calculo: egoismo e calculo dos que realisam o «*sport*» dos bailes e festas de palacio, pagos por bilhetes, mas para se divertirem e distribuirem o producto pelos pobres; egoismo dos que dão aos pobres para gozarem a fama de esmoleres e de santos; egoismo dos que dão para terem influencia pessoal ou eleitoral; egoismo e calculo dos que dão umas sôpas para explorarem e não pagarem o trabalho dos desgraçados, que nem alugando-se mais baratos do que uma cavalgadura encontram salario n'uma fabrica ou officina; egoismo, e dos mais condemnaveis, n'aquelles que dão aos pobres, porque... emprestam a Deus.

Egoismo, sempre egoismo, porque a caridade e a esmola affrontam e humilham os que as recebem, e aviltam aquelles que as dão, não por respeito e amor ao proximo e a si mesmos, mas... por amor de Deus, e com os olhos, gulosos, postos n'um logar lá em cima, n'aquelle céu... de pardaes, onde a sciencia afirma que só existe todo um systema planetario.

A caridade! bello luxo, hypocrisia e calculo, moeda falsa que tantas vezes tem servido para encobrir os maiores crimes, e para dissimular *anjós de caridade* com azas de morcêgo e corações de pedra... d'Orléans.

A caridade, usura desenfreada de judeus sem entranhas, calculo abjecto de recompensas n'um céu que não existe, — eis o fundo e a essencia da moral de «*venha a nós*» que nos legou a Igreja, — uma caridade que se oppõe á ideia de direito, á ideia de solidariedade, á ideia de jus-

tiça, e á ideia d'amor entre todos os individuos da especie humana.

Que recompensa merece uma caridade assim, se não é o exercicio espontaneo, desinteressado, voluntario e livre do Bem pelo Bem, da Justiça pela Justiça, do Amor pelo Amor?

Não. A caridade não é, como diz a Igreja, a graça do rico que dá ao pobre, nem a graça do pobre que recebe do rico.

Para se conceber uma caridade assim, seria necessario conceber tambem que os ricos ganhassem o céu, porque rebentam de grandezas, de fartura e de indigestões, e que os pobres ganhassem o céu porque estoiram de trabalho, de fome, de tuberculose, das miserias sociaes mais agonicas e immerecidas. E conceber uma tal moral, uma tal caridade, e um Deus que assim as quizesse, seria, só por si, negar a moral, negar a caridade, negar e condemnar o proprio Deus ao despreso dos homens.

Para se conceber uma caridade assim, seria necessario conceber, antes de mais, que os pobres constituissem uma instituição necessaria aos ricos; seria necessario conceber que, se os pobres não existissem, teriam os ricos de invental-os, para que, á custa da sua caridade, pudessem um dia sentar-se, lá no reino... da bôlha, á mão direita, ou á mão sinistra, d'um Deus Padre tão infinitamente Poderoso, que até Franklin lhe desarmou as santas iras, inventando o pára-raios, para defesa e socego de igrejas, capellas e santos!...

Solidariedade, sim, — caridade, não! Nem a caridade tradicional, orthodoxa e videirinha dos catholicos, com juros de quinhentos por cento ao mez, hem a philantropia, igualmente hypocrita e interesseira, dos protestantes.

A moral moderna é toda terrestre. A harmonia da natureza e a dos seres vivos não brotam da ideia de Deus, mas das leis da propria natureza, e das leis de harmonia social. Toda a felicidade dos homens tem as suas raizes na terra, e ainda ninguem assistiu a um unico beneficio humano que, como a cáca de um passarinho, cahisse lá de cima do céu.

Felizmente, que os governos, comprehendendo a sua missão n'esse ponto, por toda a parte laicisaram já a caridade, e lhe chamam hoje assistencia social.

Felizmente, que passaram os tempos, em que homens como Thiers reclamavam leis de assistencia social, só fundados em que era um espectáculo deploravel que os estrangeiros vissem mendigos estendendo as mãos á caridade nas ruas de Paris.

Felizmente, que a assistencia social se vae hoje chamando solidariedade humana, e que essa disciplina moral conquistou já os espiritos mais luminosos, e os corações mais perfeitos.

Felizmente, que a caridade, exercida, sejamos justos com todos, por creaturas ás vezes desinteressadas, está já, tal como a Igreja, a dentro da crise agonica que ha de dar-lhe a

morte, para, emfim, ceder o logar á moral solidarista, de que tratarei n'outro, ou n'outros artigos, — a mais bella concepção da philosophia social, moral humanitaria na sua essencia, scientifica nos seus principios, e juridica nas suas consequencias.

N'uma palavra, a disciplina moral do futuro, a grande concepção da solidariedade humana e da harmonia universal.

FERNÃO BOTTO-MACHADO.

O marquez de Pombal tão enthusiasnado ficou com o reaccionario discurso do patriarcha que lhe foi beijar o anel.

E não ha quem faça reviver o outro que em 3 de setembro de 1759 tambem deu um beijo de alto lá com elle na companhia de Jesus!!!

Pouca sorte.

Consta-nos que o macaco azul pediu auctorisação para na noite do casamento do rei estar de sentinella ao quarto nupcial.

Parece-nos algo perigoso.

Pode a noiva assustar-se vendo o macaco á porta.

Tiro ao alvo

A um expulso

Da liga te correram por mariola,
Apesar do teu fito monarchista,
A nove te expulsaram qual fadista
Confirmando-te a fama de farçola.

Já temes um policia ter á cóla
P'ra te fazer ao bolso uma revista,
E vês que da cadeia o archivista
Com as tuas *cantigas* não s'engrola.

Com um ar de pimpão ou gente honrada
Provocaste de fórma acanhada
Quem de ti não podia dizer bem.

Foste expulso da liga, esse teu 'steio,
Pois não póde viver em qualquer seio
Um filho que desanca a propria mãe!

JULIOR.

A commissão do orçamento declara que o seu estudo reclama bastante tempo.

Vê-se. Foi distribuido na segunda e entrou em discussão na quinta feira estando naturalmente promptinho e approvado no fim da semana.

Leva sete dias como a carta do estudante que dizia:

Meu pae:

Escrevo d'aqui na segunda para deitar no correio na terça, e v. receber ahi na quarta. Se v. na quinta me não manda o dinheiro para estar aqui na sexta parto d'aqui no sabbado e estou ahi no domingo!

Animatographo... vivo

Conta-se que o rei de Hespanha mandou uma carta ao nosso *radioso* monarcha por um cortejo qualquer e que a resposta foi tambem entregue por um diplomata palaciano.

Ao que parece a *alta* está se trenando para o officio de carteiro.

Não é mau aprender a fazer qualquer coisa, embora o trabalho de entregar cartinhas seja o menos difficil de fazer a qual-quer moço de fretes.

Vão o serviço aprendendo,
Pois em se vendo á *divina*,
Por qualquer azar tremendo,
'stão vendo,
Ganham dinheiro na esquina.

É uma reverendissima e alambadissima pouca vergonha!
Um desaforo!

O pão que actualmente se come em Lisboa é perfectamente um veneno.

Negro, desagradavel ao paladar e ás vezes com um cheirete a podre que tresanda.

O que fazem as auctoridades?

Multam os pobres moços a torto e a direito á mais pequena falta, mas não querem saber da qualidade do genero que os ricos vendem com o titulo de pão.

É bradar no deserto, mas se essas juntas de saude, assistencias e quejandas fiscalisações que nada fiscalisam, nos ouvirem, era caso para deitar foguetes e pôr luminarias.

O pão que o povinho come,
Cada vez mais o definha;
Serve para matar a fome,
Mas, diz-nos quem e consome:
— Tem tudo menos farinha.

Contam-nos de Marrocos esta belleza de hortaliça.

O *Roghi*, o pretendente ao throno, agora aprisionado foi mettido n'uma gaiola pequenissima e foi exposto á selvageria das bestas feras marroquinas.

Um correspondente escreve:

«A multidão, feroz, obriga a parar a carroça, onde vae a gaiola, durante horas, nas praças e pontos mais concorridos, e ahi a canalha insulta o *Roghi*, cospe-lhe nas faces, mette-lhe na jaula ração de cevada, dança e canta desenfreadamente e não poucas vezes, ao acabar estas orgias, atira sobre o caudilho vencido immundicies, animaes mortos e despojos que cheiram mal.»

Estamos no seculo xx e permite-se isto.

As potencias não dão nem pio, ao menos em nome da humanidade.

Parece-nos que as potencias estão como aquelles velhos gabarolas que alardeiam valor, mas em chegando a occasião... do-gram!

Por qualquer cousa arremettem
E berram ter energia,
Mas nas encolhas se mettem
Vendo tal selvageria!

São bravas sem reticencias
Mas perante um caso tetrico
Ninguem lhes chama... potencias
Nem com cinturão electrico!

Muito acertado.

A commissão do orçamento eliminou a verba de 1.500\$000 réis que fôra consignada a subsidiar a benemerita instituição do tiro civil.

Pois está claro.

Agora, para aprender a atirar, vae-se alli para o largo do Pelourinho e o benemerito Balsemão ensina toda a gente á *borla*.

Ha o risco de um tiro por... desastre, mas como o *Portugal* tem carreira de tiro escusa o Estado de estar a gastar dinheiro.

E ha uma vantagem a mais:
Alli aprende-se a atirar com as mãos e com os pés.

Fica quem não fôr papalvo
Sabendo o que bem lhe serve:
Com as mãos atira ao alvo,
Com os pés coice que ferve!

ORLANDO.

O Baptista Diniz escreve que está disposto a tourear n'uma corrida de beneficencia.

Naturalmente algum beneficio para... elle.

No Senhor da Serra venderam-se oitenta mil litros de vinho.

Olhem se lá tem ido o padre Matos e os collegas do pasquim?

Lerias...

Lá fui ao Senhor da Serra
N'uma alegre companhia,
Porque sempre ando na berra,
E mesmo cá n'esta terra,
Só se pensa na folia.

Apanhei tal carraspana
Tal perua me apanhou,
Que eu cahi como um parrana,
Sobre a priminha Joanna
E ella, coitada, chorou.

Vou deixar taes brincadeiras,
Que até me causam horror,
Porque creio são asneiras,
Apanhar taes bebedeiras
Indo rezar ao Senhor!

OSCAR.

Consta que vae ser convidado a abraçar a pasta da fazenda um popularissimo revisteiro.

Em Hespanha está a coisa levada de seiscentos diabos. A estas horas já está fusilado Ferrer e os mais graduados revolucionarios.

E as bombas onde estão?

Estamos desconfiados de que não são só os portuguezes que teem capilé nas veias...

Ao pianinho

Sempre foram prorogadas
As côrtes cá da nação
Pois precisam ser votadas
Inda mais leis que as que estão.

Com tanta jurisprudencia,
Sendo ás centenas as leis,
Espanta-me haver paciencia
Na *tóla* dos bachareis.

Que entre nós, infelizmente
Até pra dar um... passinho
Uma lei torna-se urgente!
Não é triste, ó Zé Povinho?

PICHIBINÉ.

Errata

No nosso ultimo numero, no brilhante artigo do nosso amigo Gomes Leal, onde se lia: *que os dirigentes deveriam arrecear-se de bater-se com os reaccionarios em campo raso ou estacada*, deverá ler-se precisamente o contrario, isto é, *que os dirigentes não devem arrecear-se etc.*

Que nos desculpe o nosso bom amigo, mas, o camarada compositor quiz fazer-nos ralar e conseguiu, pois embirramos sollemnemente com gralhas, demais quando, como no caso presente ellas alteram por completo o assumpto em questão.

Sôr Redaitor

Istou fulo, p'ro ca i na cedade tudo foji e ninguen sa encontra no sê sitio.
Pois sinté vomecê!

Fui-me uma récla de vezes ao raio da redaição, e sempre m'a azeiziam assim:

— Nan tá cá, já se foi, nan ven hoji, só amanhã!...

Raio o parta, a mal ao azar com ca ê, andê a su amana paçada!

Nan fui no domingo ao sôr da Serra, só pra irme a Algés á praça do sôr Seringado, cá pro senal tamben fecudo seringado com cem mal reis a secundo eu vi nos cartazes e nos priólicos.

Mas é ca quillo é o tal andaço ca anda de tudo fugir.

O tal cavallêro, revistêro, iscriptor; o grande istupôr, tamben fugiu, e vae dahi, vimme mal a minha cachopa no quimboio até ao Cais do Xidré e d'ali fui ao Buraco, adega do Arcó do Bandêra a ver se topava o sôr Oirelando!

Pois vae o raio do caxêro e di-me tamben.

— Nan istá cá, foi pró terrêro do paço!

Vae ê boto-lé assim esta fala:

— Vomecê ten aquella certeza ca elle istá lá?

— Sin senhor! está, provia da musica e d'uma cachopa ca elle catrapisca.

Pôe intão voume zinté ao Terrêro do Paço!

E dito e fêto!

Mal chegamos (ê mal a cachopa) ao tal Terrêro do Paço, apanhamos uma gaitada dos marinhêros, ca oivi azezer ca era a cavallaria do rai te escamas. Vae óspois bato-me á prescura do Oirelando, mas cal!

Aquillo istava miuido dentro dos canos ca li estão cavados, ás voltas com a tal cachopa!

E cá nan o vi!? Oitro fugido!

E é tudo assim!...

Ben! Dice ê vamos a cintar um nadica.

Mas cal!? Tudo cali havia; bancos, montes de terra e de pedras, istava tudo occupado e debaixo d'olho!

Fômonos embora e toda a noite nan pudé açoecer a pençar na maldita custumança d'andaren todos fugidos.

Grandes milagres !!!



Illustres peregrinos, esta santa agua cura tudo, tudo, tudo; lava da macula os adeantadores e falcatroeiros. Cura todos os desejos dos loucos satisfazendo-lhes a vontade, proporciona o meio de encher os que teem fome, satisfaz odios e vinganças. Esta agua tão maravilhosa mata traças, baratas, percevejos, pulgas e os piolhos todos ao moreirinha. Esta santa agua faz desprezar todas as riquezas da terra para reverterem em favor dos coios dos santos frades, porque lá está Deus para compensar com as riquezas do Ceu.

SILVA E SOUZA

Estes gajos nem que estivessem um anno debaixo da bica ficavam curados!

O sôr Baltista Deniz do badallo esse então alimbrou-me o isprigueira dos indiantamentos!

E nunca vi uma pouca vergonha assim!

Mal isto istá tudo avariado, e quen pedêo foi o sôr Seringado.

Adeos sôr redaitor cá me vou a caminho do mê logar e cando paçar as maleitas cá i deram, n'essa gente, de andaren todos a fugir muito, mande-me dezer, ca é para ê ahi ir o encontrar a vomecê, ver o sôr Oirelando e ver toirear, o sôr Baltista do Badallo, ca era o ca ê tinha mais empenho.

Arreceba muntas saiodades cá da gente e crêa-me sê amigo intê ás vindimas.

MANOEL CEGUINHO.

Olliveirinha da Ronha, logar da Fronha, 5-9-909.

Então quando é que os *alcoviteiros* do Paço dão licença ao reisinho para... *amar*?

Não se lembram que o pobre rapaz com tantos *sonhos*... vae p'ro Major?

Diz o *Seculo* que em Mafra a *moçidade radiosa* chamou toda a officialidade para o ouvir tocar... piano. Lá que a moçidade tocava piano é que ignoravamos completamente.

Sempre o julgámos mestre em tocar outros instrumentos.

O Alma do Diabo

Pagina central do proximo numero.

Batalha de rimas

Damos hoje finalmente o resultado d'este sensacional concurso.

Tomem attenção e escutem...
1.º premio—Caricatura do vencedor. Coube a

Viu-se Grego.

2.º premio—Uma magnifica lapiseira revolver. Coube a

Apollo 1.º

2.º premio—Uma cigarreira cinzelada. Coube a

Ralmeida.

Os *felizardos* podem vir receber os premios a esta redacção.

E temos dito... sobre o concurso, que parece que nunca mais acabava!
Uff! Já respiramos.

Os incendiarios da rua da Magdalena cumprimentam os seus numerosos amigos e dizem que respondem lá para... qualquer dia e mais um. Bons rapazinhos!

Que belleza!

Sabe-se de fonte certa que o querido *Xuãosinho* das nossas entranhas vem na proxima semana fixar residencia em Portugal.

Vamos já mandar dizer duas missas com capa de asperges ao seraphico padre Mattos e dar cinco réis furados ás bemditas almas.

Que rica coisa vêr o *Franquinho* outra vez entre nós.

Alegrem-se, rapazes!

Os fusilamentos de liberaes succedem-se em Hespanha.

Montjuich está abarrotando de presos e as torturas são inauditas.

E os marroquinos a final é que levam pancada.

Ainda dizem que ha a Divina Providencia!

Ha mas é uma cousa retorcida e ôca, como dizia Bocage.

Verdades Cruas!...

"Ao Eduardo de Carvalho"

Debaixo da nudez,—forte verdade—
Esconde qualquer *"liga"*, a sua ronha;
O Eça de Queiroz bem perto sonha,
Quantos por ahi passam com vaidade!

Pedantes que passeiam na cidade,
Não teem nem um pouco de vergonha;
Vão subjugando assim quem se transponha,
Com o manto *diaphano* da maldade!...

Oh! pobre Portugal tão decahido,
Berço de heroes e patria de Camões,
Que lentamente vae sendo esquecido?!

Só passam bem a vida os *intruções*,
Emquanto um cidadão vive opprimido,
Vão enchendo a barriga os comilões!!

D. CHICOTE.

O Baptista Diniz não se quer comparar com o Bitoque nem com a Fernanda na arte de tourear.

O que dirão a Fernanda e o Bitoque?... Naturalmente o mesmo e com mais razão.

Appello

Pede-se pelas alminhas do Purgatorio a todas as bandas philarmonicas, tunas e pianistas *hystericas* que não toquem a *Alma de Dios* por estes quinze dias mais chegados.

Dão-se cem dias de indulgencia e um padre Mattos de gesso.

O' Seguradinho, então o Baptista ainda nada, hein?

Dão-se alviçaras a quem entregar cem mil réis que o Segurado perdeu desde a sua carteira até á algibeira do Baptista Diniz.

Chronica tripeira

Semana de calmaria pôdre, a finda. Calor capaz de derreter o Monte Branco e de abrir nos reverendos decrépitos a porta falsa do amor sem a gazua de livros do Alfredo Gallis, mariscos e mais excitantes. Muita poeira, excellente para cegar os politicos sinceros, os que ainda esperam a resurreição da patria pelo xarope dos partidos conservadores. Muito vento que atiraria para Madrid os excursionistas de quinta feira se a Companhia Real se não tivesse encarregado d'isso.

Bemaventurados os que, longe d'este lamaçal de mexericos politicos, réles como pontas de cigarros, pôdem abrir ao sol de terras d'Hispanha os olhos sedentos de luz! Se uma parcella minima dos celeberrimos adeantamentos tivesse repousado no meu bolso de articulista depennado e theatreiro em pequena escala, com que infinito prazer eu iria por ahi fóra, á terra das *salerosas* manolas que tanto gostam dos portuguezitos *valientes!* — «Se eu fóra rei!» diz a operetta. — Se eu fóra millionario! exclamo! Com que gôsto compraria no estrangeiro uma menina de cêra, casta como Suzanna e com movimentos á vontade do freguez, para dar de presente ao meu illustre amigo Padre Mattos!

Realisa-se no dia 16, em Salamanca, uma grande corrida extraordinaria, *en honor y con asistencia de Sus Magestades los Reyes de España*. Não dizem os programmas se o sr. Baptista Diniz, que faz revistas e *queibros*, *couplets* brejeiros e pégas de cernelha, tambem toma parte. Pena é se o promotor da corrida o não contracta. Suas magestades, pezarosas com a morte de tantos amados filhos, apreciariam com o sabido entusiasmo os trabalhos tauromachicos do popular auctor do *Á procura do badalo*.

Ao sr. Baptista Diniz que armou em *diestro*, seguir-se-hão todos os nossos dramaturgos mais em evidencia, certamente. Ainda hei de vêr n'um futuro proximo o sr. Julio Dantas espada, com a sua quadrilha composta do Schwalbach, Lopes de Mendonça, André Brun, Ernesto Rodrigues, etc., etc.

A arte de Talma de casa e puca-rinho com a arte de Montes! A casa de Molière convertida em casa de *pâsses* (sem quiproquo)!

Chegaram na quarta feira os *pe-lingrinos* de Lourdes. Vinham cobertos de pó, de medalhas bentas e de se-bentissimos rosarios. O pastor d'esse numero e pacifico rebanho, o conspicio Cerqueira, director dos serviços de caminhos de ferro da excursão, *double* de intelligente funcionario publico, arrastava alegremente algumas arrobadas de medalhas e indulgencias plenarias.

Notei-o menos loquaz, em companhia dos innumerados aleijados que foram lavar na milagreira agua a roupa suja dos seus peccados. Não admira. A estupenda H²O de Lourdes é de difficil digestão. Extrae os dentes sem dôr, tira nodoas, lava os pés sem o auxilio de sabão, mas cae pesadamente, como um pedregulho enorme, nos estômagos não acostumados a taes empanzinadellas mysticas.

Ai, amigo Ignacio! Muito custa a levar a vida honradamente!

RAFAEL.

Uns pandegos criticam a despeza que a camara faz com a musica nos passeios.

Muito bem.

Antes gasta-a em pagodeiras e desperdícios zébellamente falando.

Um jornal diz que se ao povo fornecessem filtros para a agua da *poderosa*, o Zé ia empenhal-os.

E' experienciã propria talvez do autor do suêto.

Mal lhe dão qualquer cousa... *prégo* com ella!

Elle que o diz...

A *latrina* do Pelourinho conclue que no retrato, que veio no *Mundo*, do orphão Albino, ou o orphão é pae do burro, ou o burro pae do orphão.

Falou verdade pela primeira vez o *reverendissimo* Mattos: chamou-se *burro* a si proprio...

E nós concordamos!...

Passes... de peito

E' definitivamente no dia 12 a festa artistica do *sympathico* bandarilheiro Thomaz da Rocha, amigo cá da rapaziada e um dos nossos mais queridos artistas.

Apresenta-nos na tarde da sua festa nada menos que um espada de cartel e que pela primeira vez toureia em Portugal; a reaparição dos cavalleiros Casimiro, e os principaes collegas do beneficiado.

Do curro dizem-nos que ha muito a esperar, e bom será que assim seja para nos desinfectar da peste que na ultima corrida nos atacou e que tão grande desgosto deu á empreza, que, sem o pensar, se viu n'uma camisa de onze varas, por causa de dez canastrões.

ZÉ DA HERDADE.

Diz o *Mundo* que em Paço d'Arcos n'uma casa de batota está pendurado o retrato de *Sua Magestade*.

Achamos bem. Allí é que é o seu verdadeiro logar.

Pois que é tudo isto, senão uma descaradissima batota?

Cartas sem estampilha

Viu-se grego.— Parabens e receba um abraço cá do camarada *Rei-Luso*. Qundo vier a Lisboa cá terá a careta no *prioico*.

Sá Krista.— Então esqueceu-se do *Xuão*? Apareça, que será sempre bem recebido como o Grande Elias.

Os reaccionarios, de branco dado com varios *thalassas*, empalmaram um comicio republicano em Fogueira.

Os jornaes monarchicos deitam foguetes.

Realmente a fogueira foi sempre a grande arma do throno e do altar.

Quem é que disse para ahi que o Wenceslau cahia?...
Nunca mais!

Ao jesuita Pinheiro Torres

Montado em burro velho e roncoiro Qual D. Quichote em magro rocinante, Tiveste arremetida de farçante, Peior sahida ainda, de sendeiro.

A tua lança, triste cavalleiro, "Que é feita d'odio rubro, faiscante, Jogaste á Liberdade, que ovante Se riu do teu ataque de rafeiro.

O bote que empregaste, meu poltrão, E' d'esse jogo vil da reacção, E torna-se forçoso aqui dizel-o;

Em tempo ainda te julguei alguém, Mas vejo que sahiste um palafrem Ainda mais madraço que um camello

STYL.

Tendo apparecido uns ossos enterados n'um quintal, os medicos, após a analyse, decidiram que não eram de gente mas de um animal impossivel de determinar pela falta da cabeça.

Animal sem cabeça?

Estará vivo o padre Mattos?

Onde estarão os cartuchos que palmaram da Alfandega?

Se o padre Mattos rezasse uma prece *ad petendum cartuxorum*, talvez apparecessem.

O' Balsemão, então já não ha um tirosinho por engano nem nada???... Ingrata creatura!

Theatradas

Chegou-me na semana passada do Brazil o tio Bernardino, que não é o da popular cançoneta, mas um velhote que tem um bom par de contos em bellos réis fortes.

Se fosse moeda fraca, esses contos reduzidos a dinheiro, não valiam quatro vintens.

O tio Bernardino teve armazem di *seccos* e *mólhados*, e, á sucupa, vendia pelles com pretos dentro.

Ricaço, casou com uma mulata *di caroço* no *pescoco*, e veiu até á lusa patria fingindo á febre amarella e ao *beri-beri*.

Tenho-lhe servido de *cicerone*, o que me tem rendido uma barrigada de cervejas, *ji-ripitis*, e theatradas.

Logo na noite da chegada ferrei com elle na *Trindade* a vêr a bella revista *No paiz do vinho*, que conta as enchentes pelas recitas.

O demonio porém é que a mulher do tio Bernardino, a mulata, parece-se immenso com a Fernanda, e quando nos sentámos no balcão, o publico desatou a largar *piadas*, e a platéa inteira poz-se de binoculo em punho.

O tio engallinou com a historia e mal acabou um acto obrigou-me a sahir com a familia toda, ficando eu com tromba de palmo e terço por não poder vêr mais uma vez a afamada peça.

Depressa me veiu á ideia a maneira de aliviar as maguas e fomos até á

Rua dos Condes vêr a *Abelha mestra*, revista cheia de attractivos e bella musica.

Rimos a bandeiras despregadas, e a *mulata* até se rebelava toda.

Depois, na noite seguinte fomos ao

Salão Rocio que tem lá a petizada a fazer prodigios, e ao

Salão Avenida que tem um bello animatographo.

Passando em revista tudo o que ha n'esta época de verão, fomos tambem ao

Casino Etoite da calçada da Estrella, que leva o drama de combate, *A victima dos jesuitas*, e, pouco mais faltando, na noite immediata lá estivemos na feira da Avenida.

Noite agradável e boa disposição; a *mulata* foi á antiga barraca das farturas, do nosso querido Julio, ao Abel, á Botas, emfim, a quantas capellinhas por lá havia, e o resultado foi que não

Chalet Avenida, zangou-se com o tio Bernardino e ia ficando tudo em *Agua de bacalhau*! Vi-me quasi obrigado a pegal-o *Em hastes limpas* e isso valeu-me um chôcho da tia mulata tão repenicado que me deixou em convulsões.

Para deitar agua na fervura, aconselhei irmos ao

Theatro Chalet que leva a revista *Na Brecha*.

O demonico do Agostinho Silva canta tão bem e com tal gosto a canção da *Alma de Dios*, que apesar de termos todos o bichinho do ouvido cançado de tal musicata, applaudimos ás mãos ambas, com pena de não ter mais mãos.

Pobre tio Bernardino se o Agostinho se sentasse ao pé da tia mulata!...

Sentia dôres de cabeça, porque eu, sem ser novo nem *sympathico*, como o Agostinho, apanhei uma atarracadela de apalpões que me deixaram meio azabumbado.

O peor foi depois!

Tanto a tia me apoquentou com caricias *demasiadas* que perdi a cabeça e... dei-lhe meia duzia de beijos a seguir, enquanto o tio Bernardino passava pelo somno.

Ella então, a mulata, revirando os olhos, mas fingendo-se indignada, conforme a murraça lhe aconselhava, desandou a berrar:

— O' maroto, brejeiro! Então, isso faz-se á tia?

Acordou o tio Bernardino com a gritaria. Soube o grande e horrivel crime, mas disse pachorrotamente:

— Qui berreiro! Elle pôde-te dar enquanto eu descanço; em elle dormindo dou-te eu!

Ella ficou convencida e andámos todos em fraterno convívio.

SECRETARIO.

O Segurado prometteu um Baptista Diniz de cera á Senhora dos Afflictos se conseguisse rhaver os seus queridos cem *milhafres*.

Que consulte o padre Mattos e vá á Senhora de Lourdes, que é muito mais milagrosa para essas coisas!

SONHO D'UM VALENTE



A TERRIVEL VISÃO QUE ME PARECEU UM TOIRO
ERA UM SACCO COM 100\$ 000 REIS.